

UNICAMP

EVENTO:

"IVALDO BERTAZZO VOLTA COM VÁRIOS PROJETOS"

VEÍCULO:

O ESTADO DE SÃO PAULO

DATA:

11/Novembro 96

PÁGINA:

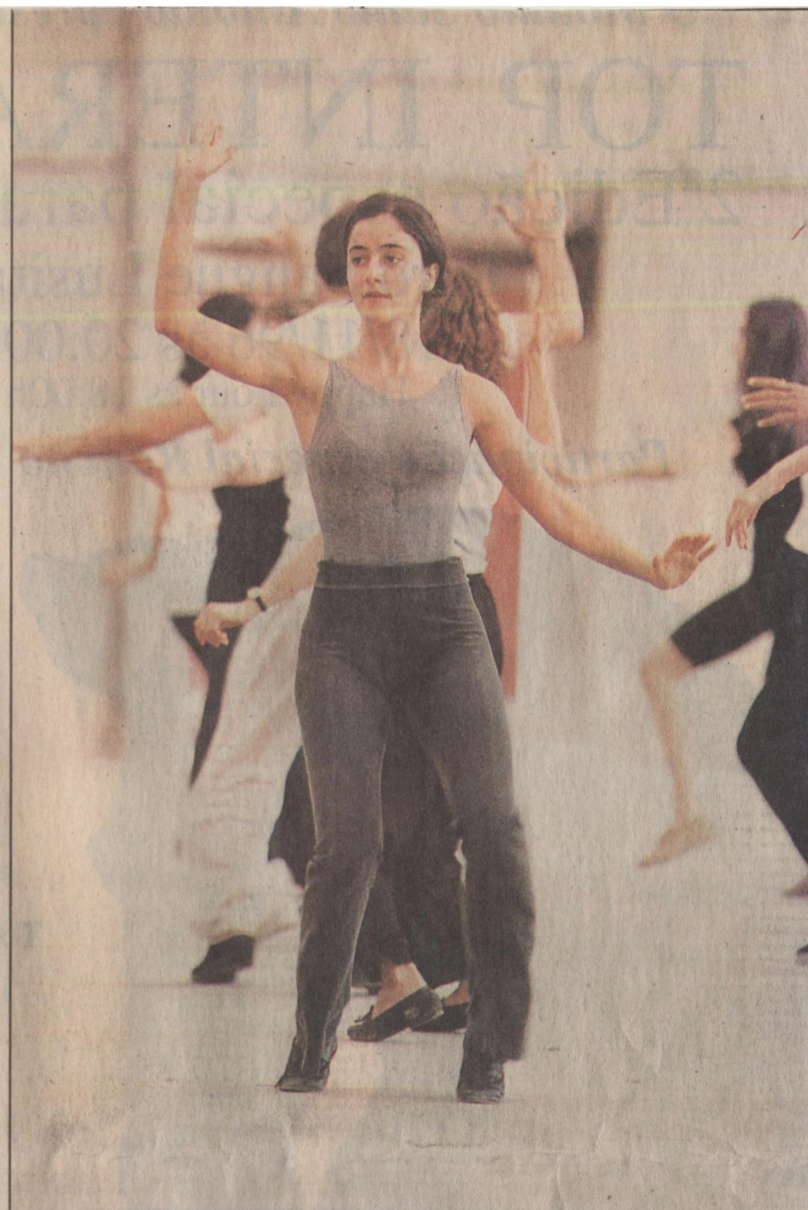
D-1

SEÇÃO:

CADERNO 2



CDMC
BrasilUnicamp



'Saudades do Brasil', com 9 músicos e cantores, 12 bailarinos convidados e 36 cidadãos dançantes: maculelê, balé, valsinha com capoeira, dança indiana, chorus line, samba e dança de dervixe

Ivaldo Bertazzo volta com vários projetos

Afastado desde 1991 dos palcos, o coreógrafo está lançando um livro, promovendo um colóquio, oferecendo uma aula aberta e um espetáculo com 48 "cidadãos dançantes"

HELENA KATZ
Especial para o Estado

Como desde 1991 ele não produz nenhum espetáculo e sempre foi um exagerado, volta atirando em todas as direções. Ivaldo Bertazzo está lançando um livro, promovendo um colóquio, oferecendo uma aula aberta e, é claro, um espetáculo com 48 cidadãos dançantes. Tudo isso reunido num evento batizado de *Cidadão Corpo*, que vai ser realizado no Sesc Pompéia, do dia 21 ao dia 1º.

Quem não conhece Ivaldo Bertazzo até pode estranhar. Mas montar um trabalho com 48 pessoas não é nada para quem se acostumou a comandar 100, 120, em espetáculos anteriores. No novo, *Saudades do Brasil*, 9 músicos e cantores, 12 bailarinos convidados e 36 cidadãos dançantes (a classificação é uma grife bertazziana, explicada ao lado) constroem um mosaico com as diferentes identidades corporais da sociedade brasileira.

Tem maculelê e tem balé, valsinha com capoeira, dança indiana, chorus line, samba e dança de dervixe. Para quem se surpreende com a "brasileiridade" explícita num profissional publicamente associado às danças orientais, ele explica: "Muitos anos atrás, quando ainda dançava no Ballet Stagium, estive em Salvador. Fui passear na praia e vi maculelê. Aquela singeleza ficou em mim. Coloquei maculelê no espetáculo, agora, com o sentido de lembrar que damos tão pouca bola ao que é nosso, que maculelê, para a maioria, pode parecer kung fu."

Ecologia do corpo — Quem volta aos palcos é um Ivaldo Bertazzo recém-saído de uma espécie de re-iro pedagógico. Dedicou os últimos quatro anos a refinar seus en-

tendimentos sobre o corpo do brasileiro. Formulou aquilo a que chama de Ecologia do Corpo, que tanto está no espetáculo quanto no livro *Cidadão Corpo — Identidade e Autonomia do Movimento*, que será lançado no dia 26, às 19 horas, na Choperia do Sesc Pompéia.

Quando fala de dança, começa lembrando que todos pagamos caro porque o cuidado com a construção do movimento não faz parte da nossa formação.

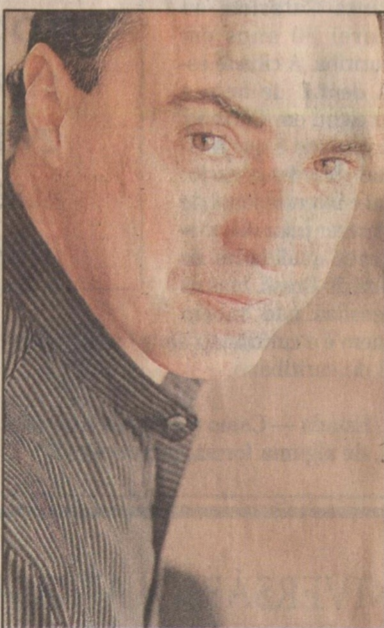
"Disciplina para a sobrevivência todos têm, mas ela não fica associada ao corpo. Por isso, é estressante conquistar a autonomia do gesto. O corpo precisa vencer etapas, simplesmente isso. Quando não se consegue tocar bem uma escola, não resolve ficar pensando nos problemas com a mãe. É preciso treinar, treinar, treinar. A gente deve fugir do excesso de psicologização."

Sua preocupação com o corpo do brasileiro vem filtrada pela sabedoria de um mestre em cadeias musculares e em conhecimentos de psicomotricidade e em quase 20 anos de viagens de estudo a Índia e arredores.

"Hoje, consigo perceber que a energia sutil das moléculas não-condensadas que formam o nosso corpo, o chi de que falam os orientais, não funciona só no Oriente. Ou será que o chi não circula na Bahia, por exemplo?"

Para ele, corpo sem consciência não tem identidade.

"Sensualidade? Sim, temos de sobra. Musicalidade? Também. Qualquer criança brasileira espanta os de fora quando faz certi-

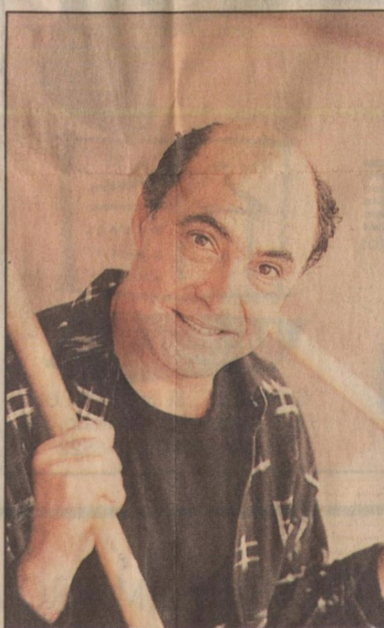


Nelson Ayres: participação

inho e com um charme especial os dois pra lá, três pra cá das danças populares. Mas isso não significa que ela consiga fazer bem uma aula de dança. O que nos falta é coordenação. Facilidade para melodia e ritmo a maioria tem. Mas sentido de orientação, isso falta ao brasileiro."

A espécie humana evoluiu, mantém grande diversidade, mas preserva certos padrões gestuais. "Precisamos aprender a olhar o que uma bailarina clássica faz para descobrir quais os impulsos que a dança dela tem que também estão naquilo que um africano dança. Afinal, todo ser humano tira o impulso para saltar do mesmo lugar, isso é, do chão, seja de que raça for. Quero discutir isso no corpo."

Quem quiser entender essa discussão com o seu corpo tem duas oportunidades: participar do Colóquio Cidadão Corpo, no dia 27, às 19 horas, e de uma aula aberta, no deck



Ivaldo Bertazzo: "Brasileiridade"

do Sesc Pompéia, no dia 30, às 11 horas. As duas atividades são gratuitas, mediante inscrição antecipada. Na aula aberta, a música será ao vivo, comandada por Nelson Ayres.

Do colóquio participam Denise Sant'Anna, organizadora do livro *Políticas do Corpo*; Jean-Ghislain D'Eudeville, antropólogo que preside o Instituto Marcel Jousse, em Paris; o próprio Bertazzo; e a mediação será de Danilo Santos Miranda, diretor-regional do Sesc em São Paulo.

"Admiramos a elegância e a soberania de um cavalo no pasto como se essas não fossem também características do nosso movimento. Pois nós imitamos tudo quanto é bicho e até fazemos gestos fora dos padrões. Quem deve cuidar da reeducação do movimento é o professor. Terapeuta treina para resolver patologias."

E se você ficar muito curioso com tudo isso e não agüentar esperar a estréia, vá na véspera, dia 20, assistir aos ensaios abertos de *Saudades do Brasil*, no Sesc Pompéia. Estudantes de dança, teatro, música e artes cênicas podem retirar convites, disponíveis para dois horários: 19 ou 21 horas. Serão distribuídos 200 convites por ensaio.



Mosaico: as diferentes identidades corporais da sociedade brasileira



O grupo em busca da autonomia do gesto: o corpo vence etapas

Ele comemora 20 anos de carreira

Ivaldo Bertazzo está comemorando 20 anos de palco. *Saudades do Brasil* é seu 22º espetáculo. Profissionalmente, fez um percurso do balé clássico para as danças corais. Mas não a dança coral cunhada por Laban, o mestre alemão que mostrou como o sujeito não treinado em dança podia dançar. Rudolf Von Laban vinha da tradição do Jugendstil, o movimento juvenil & saúde da Alemanha da transição do século 19 para o 20, e tornou-se o precursor do expressionismo. Seu aluno Kurt Jooss tornou-se o mestre de Pina Bausch e Susan-

ne Linke, entre outras. Desvinculado de qualquer filiação a Laban e ao expressionismo, Bertazzo inventou, em São Paulo, o cidadão dançante: uma pessoa que entende e pratica a dança como reeducação do seu movimento. Não é um bailarino, mas alguém decidido a conquistar padrões gestuais.

Do balé clássico descobriu as danças étnicas e popularizou-se pelo tipo de acomodamento entre Oriente e Ocidente que passou a fazer — tanto na sua escola quanto nos seus espetáculos. Neles, construiu a sua grife cênica. (H.K.)